

O Conselheiro.

O sol brilhava forte, como se zombasse do luto. A marcha fúnebre, contudo, entorpecia os sentidos. Parecia que a natureza estava comemorando a morte do Rei. Ele era um homem frio, sedento por poder, subjugando reinos vizinhos e moldando-os à sua imagem e semelhança. “O Homem que tentou ser Deus!”, diziam. Mas eis que a sua Torre de Babel acabara de desabar.

Um novo rei estava por vir. Este era sobrinho do antigo. Era um rapaz jovem, muito belo, dito por ser inteligente e até mesmo maduro para sua idade. A tendência era de que ele se tornasse um bom monarca, dado seus atributos.

A coroação ocorreu no dia seguinte ao funeral. O povo saudou o novo soberano com júbilo; celebrava-se um recomeço. E assim que a coroa lhe foi posta sobre a cabeça, o jovem rei notou, de longe, uma figura estranha que o observava atentamente. Esse ser não deixou a sala do trono nem mesmo depois de os convidados partirem.

Ele era um homem misterioso, quase confundindo-se com as sombras. Fitava o Rei com um olhar frio e indiferente, o olhar de quem já presenciara aquela cena dezenas de vezes... ou talvez centenas. Aproximou-se do trono pela direita, seus passos eram inaudíveis. Até, enfim, chegar diante dele.

— Vossa Majestade — disse, curvando-se — Parablenzo-o pela Coroa que recebestes. Espero servi-lo bem, assim como servi tantos outros Reis antes de ti.

O homem reverenciou, e o portador da coroa o examinou de cima a baixo. Então compreendeu; aquele era o *Conselheiro*. Nem mesmo sabia como havia reconhecido, tampouco tinha desejo de perguntar seu nome, isso não importava. Algo dentro de si lhe dizia que aquele ser lhe traria a glória do Reino.

Não sabia quem ele era de fato, mas bastava saber que estaria ali para guiá-lo. Estendeu-lhe a mão, que o Conselheiro beijou com refinada naturalidade, como quem já repetira aquele gesto inúmeras vezes. O Regente recolheu a mão, endireitou-se no trono e olhou adiante, como quem almeja ver o mundo inteiro sob seus pés.

— Meu reinado irá ultrapassar o de meu tio — declarou — Eu alcançarei o topo do mundo, e tu me ajudarás nisso, *Conselheiro*. Toda terra que o sol tocar, também tocará

o meu Reinado. Até mesmo se o céu eu puder domar, assim o farei. Por força ou por astúcia, eu vencerei até mesmo os deuses desse velho mundo.

— Como desejar, meu senhor. Garanto-lhe os meus serviços, atuarei como um guia para tua mente e como o teu Conselheiro de Guerra e de Paz.

O Rei concordou com a cabeça, um gesto simples, mas significativo. Seus olhos azuis fitaram novamente o *Conselheiro*, estudando-o, mas agora com mais apreço, não mais com desconfiança. Ele sentia que tinha uma arma poderosa ao seu lado, um poder que nenhum outro homem desfrutava, pois afinal, o Monarca era aquele a quem o destino obedecia.

— Ouça-me, Rei. – Disse o *Conselheiro* – A terra que tu reges no momento afoga-se em escuridão. Tu deves ser a luz que ilumina a forma vazia. Deve ser tu o líder que irá guiar o teu povo. Fazes isso e verás que o teu poder irá se consolidar.

— Essa gente suja que lambe meus pés? Tu dizes que eu devo ser luz para elas, mas elas não merecem aurora alguma, apenas o crepúsculo. Quem faz de mim um Rei é a minha coroa, não essa imundície. Porém, eu reconheço e entendo o que tu dizes, *Conselheiro*, vou guardar comigo tua palavra.

E foi assim que aquele povo conheceu um pouco de benevolência. À contragosto, o Rei ordenara decretos e distribuição de comida, dando um pouco de alívio aos trabalhadores sem fim, os quais sangravam. E como sangravam! Não era sangue azul, era sangue vermelho vivo tal qual o daquele que agora ordena todo o reino. Eis que o Rei disse: “Haja luz”, e houve luz. Seus soldados agora estavam bem alimentados, sua gente amava um pouco o novo Rei. Assim foi tarde e manhã, o dia primeiro.

Aos poucos, ao passar do tempo, o *Conselheiro* fazia seu trabalho, sussurrando ao Rei as palavras de sua sabedoria, ou da sua vontade. Ele era excepcionalmente bom em insinuar palavras sedutoras, sua voz era calma e suave, como um sussurro na escuridão.

Agora seus esforços seriam puramente o de expansão, o verdadeiro poder que o Monarca queria. Primeiro o reconhecimento; Tropas de batedores averiguaram e mapearam precisamente toda a região em volta do Reino, mas muito além dele. Sob as ordens do Rei, os mesmos separaram as águas que fluíam pela terra, expandindo o controle do Regente por meio da informação. Assim foi tarde e manhã, o dia segundo.

O sol da manhã iluminou os cadáveres em decomposição, milhares deles, mortos em uma batalha para tomar um reino. Aquela era a primeira conquista do Rei, a primeira coroa que se curvava sob seus pés e lambia suas botas, haveriam muito mais. Ao conquistar esse Reino, suas terras foram dadas aos nobres, para produzirem erva verde, árvores frutíferas e sementes. Ali os escravos de guerra seriam explorados como animais; e viu o Rei que isso era bom. Assim foi tarde e manhã, o dia terceiro.

Os bancos se enchiam de dinheiro, o povo se enchia de fome. O Rei se tornara um símbolo luminoso em sua própria capital, uma luz cegante e imparável como o sol. Sua justiça se tornou mais dura conforme ele conquistava o mundo ao seu redor, e isso foi tocado em sua população. De dia ele era um juiz implacável, o sol escaldante que fazia da prisão a sua ordem e da guilhotina a sua lei. À noite, seu poder se abrandava, os guardas tomavam conta da cidade em vigílias que desafiavam os rebeldes famintos a pensar em ir contra o Rei. Eles eram como estrelas, brilhantes e numerosas, guiados pela guarda real, a lua da noite; e viu o Rei que isso era bom. Assim foi tarde e manhã, o dia quarto.

Foi então que seu poder cresceu mais, seu nome agora era conhecido em todos os quatro cantos. O Rei conquistara uma frota imparável que devastava em batalhas navais qualquer outro Monarca que ousasse se impor contra a sua vontade. Eram as chamadas bestas do mar, feras que faziam krakens e serpentes marinhas se amedrontarem. E foi dessa forma que o Soberano conquistou as ilhas vizinhas, fez seu nome ser temido e seu poder ser desejado. Nesse ponto ele já estava no topo do mundo, mas não pararia por isso. Assim foi tarde e manhã, o dia quinto.

Os reinos do Norte se refugiavam em suas fortalezas congeladas, se transformando em bastiões intransponíveis. O *Conselheiro* advertiu que seria tolice tentar subjugar o povo do Norte, eles tinham toda a vantagem de terreno. Mas isso não era suficiente para convencer o Rei. Ora, sua sede de poder e seu desejo lhe trouxeram até ali, elas iriam ajudá-lo agora. O Monarca criou o mais poderoso dos exércitos, as feras terrenas, capazes de ceifar qualquer fortaleza que se pusesse contra si. O exército marchou para o norte, penetrou as terras gélidas como outrora Urano violentou Gaia; e ainda assim foram massacrados. O décimo que retornou trouxe consigo vergonha ao Soberano, que agora parecia gerar dentro de si algo demasiado humano. No sexto dia, enfim, o Deus que dizia criar se descobriu sendo apenas um homem.

O Homem olhou-se no reflexo de um espelho de ouro, viu seus cabelos ruivos secos, seu rosto destruído e viu a coroa sobre sua cabeça, que agora pesava toneladas. Ele retirou aquele fardo como um pecador pronto para se arrepender, mas ainda não era hora. Ele contemplava com leve pesar a sala do trono, onde se encontrava sozinho. Lá fora, a cidade parecia ferver, mesmo durante a noite. Seus soldados eram mortos pelo povo em pequenos focos; já era a vigésima guilhotina que precisaram, nenhum Rei precisou de tantas antes.

Mas a presença do *Conselheiro* foi trazida para a sala do trono. Sob suas características roupas cor de um azul noturno, ele se apresentou para o soberano com uma reverência. Aquela mesma indiferença estava lá, nos olhos. O olhar afiado do *Conselheiro* encontrou o azul celeste e cansado dos olhos do Homem. Pela primeira vez em todo o seu tempo de Reinado, ele sentiu seu coração apertar ao olhar diretamente nos olhos do *Conselheiro*. Se fazendo de importante, o Homem endireitou-se, tomando postura.

— O que devo fazer, *Conselheiro*? Dá-me tua sabedoria ancestral, ilumina para mim o caminho que eu devo seguir.

— Há quanto tempo tu não sonhas, Homem? Tu sabes que os sonhos dos Monarcas têm significados, não sabes? Pois então, recolhe tua túnica, possui a tua mulher e dorme em seu seio. Sonhe o sonho dos Reis e eis de encontrar tua resposta.

Era um conselho estranho. Dormir? Simples assim? O que um simples sonho poderia tanto revelar? O *Conselheiro* agora parecia falar de forma sem sentido, mas se bem que nem o Homem lembrava mais dos antigos conselhos. Ainda assim, ele aceitou esse conselho, em partes por haver alguma confiança no *Conselheiro*, em partes pois o Humano estava cansado.

Naquela noite, ele chamou a esposa. A possuiu como não fizera desde a coroação, em seguida dormiu no seio da mesma, como indicado pelo *Conselheiro*. Sua fortaleza era impenetrável, ele pensava, estava seguro ali mesmo que todo o seu reino estivesse desmoronando ao seu redor. E assim, no sétimo dia, o Homem escolheu descansar, pois afinal, sua obra estava completa, ele somente não sabia que era mais um simples personagem na história que acreditava ter escrito. Agora seria revelado quem era o Criador e quem era a Criatura.

Hipnos lhe acolheu no sono, Morfeu lhe recebeu no sonhar, ditando para o Homem que prestasse atenção, pois os deuses tinham uma mensagem em forma de sonho para o mortal. Tudo se seguiu de modo que o humano só percebeu quando já via o seu sonho de fato.

Ele viu uma criança de aparência nobre que caminhava sozinha por uma estrada no bosque. Mesmo sem olhos, a criança enxergou as coisas que habitavam entre as plantas do bosque, ela viu a corrupção de uma natureza que deveria ser pura. Suas visões lhe perturbaram a mente, e eis que começou a surgir disso uma sombra que o seguia diretamente às costas, como um vigia. A criança saiu do bosque, indo para a cidade. Ela começou a perverter todos os outros mortais. Suas palavras fizeram pais matarem filhos, pessoas morrerem de fome e doenças se proliferarem.

Com gargalhadas a criança observava o mundo se destruir. Mas sua sombra cresceu tanto que já não podia ser ignorada. Aquela entidade começou a se apoderar do corpo do pequeno, sugando cada gota de sua vitalidade, fazendo-o virar adulto e depois velho, roubando a existência da criança vil. Em seus últimos momentos, no entanto, ela voltara ao seu estado antes de conhecer a corrupção, implorou por perdão, mas nada lhe fora dado, exceto seu fim.

Enquanto se debatia no sonhar e na sua cama, um forte barulho de batidas perturbou a mente do homem, até que ele abriu os olhos. Agora ele entendia, o parasita tinha um nome: o *Conselheiro*, aquela coisa era um parasita feito para matar Reis, e ele era o próximo. Com potência, o Homem se ergueu de sua cama, tomou sua coroa na cabeça e saiu apressado para a sala do trono, ele agora iria destruir o *Conselheiro*.

Os portões da sala se abriram, ao entrar o Rei viu o *Conselheiro* sentado em seu trono, esperando a chegada do Homem com aquela mesma indiferença de sempre. Furioso, o Monarca se aproximou, amaldiçoando aquele que ousava usurpar o seu trono, aquele que quase fez o Soberano cair em uma armadilha.

— Em nome dos velhos e novos deuses, eu te amaldiçoo! Tu, que envenenaste meu trono e meu reinado, criatura vil, serás morto por minhas próprias mãos! Como tu, um simples conselheiro ousa tomar o lugar da tua majestade e sentar ao seu trono? Tu me manipulaste para que eu tomasse as piores decisões, para que todo o meu reinado fosse ameaçado!

O silêncio após o grito se instaura, e é abruptamente quebrado pelo som de palmas lentas do *Conselheiro*. Ele então se levanta, ficando ao centro da sala do trono. Seus olhos pareciam ainda mais intensos, tais quais os do Rei, embora este último estivesse assim por ódio

— Não me admira que um Homem como tu somente tenha percebido a gravidade de teus erros agora. Ora, eu te manipulei? Tu dizes isso para tirar de tuas costas o fardo de teus erros. Eu te disse: “Seja luz”, e tu foste uma luz cegante e implacável. Em seguida eu disse: “Conhece o terreno, estuda-o” e tu o dominaste, tomaste para ti as águas e a informação. E então eu disse: “Toma os reinos da terra”, e tu tomaste, com massacres, escravidão e vandalismo, um puro iconoclasta.

O Rei rangeu os dentes, decerto naquele momento seus ouvidos continuavam a ouvir apenas o que ele queria ouvir, pois se escutasse a verdade, essa lhe torturaria a alma e o ego.

— Eu te manipulo? – Disse o *Conselheiro* – Tu que ouves uma coisa e faz outra, que se deixa cair pela lábia de um *Conselheiro* que apenas faz o seu trabalho, pois afinal, se tu se pusesses a entender o que digo e o que sou, serias um homem de valor.

— Como ousas? Quem me ofereceu a sabedoria? Quem me ofereceu o guia para dominar um mundo tão grande? Tu foste o cerne de minha decadência pois eu escolhi dar-lhe ouvidos! Está claro que tu queres tomar a minha coroa, minhas riquezas, meu poder e minha alma. Agora eu vejo com olhos santos a tua existência, tu não és humano, tu não sangras como eu e nem se abala como minha mente. Quem és tu, *Conselheiro!*? Decerto tu és o espinho que corrompe tudo o que toca, não foi assim antes!? Não foi tu o responsável pela queda dos outros Reis antes de mim?

— Quem sou eu? – Pela primeira vez, o *Conselheiro* plantou um sorriso leve em seu rosto – É tarde demais para pensar nisso, não acha? Tu me acusas de destruir os outros Reis, de roubar-te as posses... não, eu não fiz isso. Os Reis se destruíram sozinhos, inclusive o teu tio, não te lembras dele? Ele foi esquecido por ti e pelo povo, pois se tu guardasses consigo a memória dele, não cometeria os mesmos erros.

E naquele momento, o Homem que não era Rei lembrou de seu tio. Ele lembrou das histórias. Sua mente doía ao pensar que morreria como aquele velho decrepito.

— Talvez eu não seja humano, talvez eu seja um espírito, talvez eu até mesmo seja o próprio Diabo, mas isso significa que eu não desejo uma única moeda de bronze tua. Agora tu não és mais um Rei, somente um Homem. As consequências de tuas ações irão corroer tua carne como vermes e tu serás enterrado e esquecido como todos os escravos que tu tomaste. Pois afinal, eles são escravos do chicote e tu és escravo de teus desejos. Tua coroa não passa de ferro dourado e tua carne será pó.

A coroa pesou em sua cabeça como nunca antes ousou pesar. O Homem viu a figura de seu tio, esquecido pelo tempo e pela memória, era como um reflexo indesejado, mas inevitável, pois essa era a maldição de sua espécie. Naquele momento ele se encontrou perdido. Caiu sobre seus joelhos, a sala foi inundada pelo som da coroa que rolou até encontrar o pé do *Conselheiro*. A sensação sufocante em seu peito o dominava, ele se sentiu velho e impotente. Ele curvou-se mais para a figura em pé à sua frente, de modo que lágrimas rolaram e soluços irromperam. O Homem agora se arrependia e buscava no seu Messias o perdão. Agora ele entendia quem era aquela criatura.

— Perdoa-me pelos meus atos! Ajuda-me agora e me absolve das acusações! Tu és o Santo, tu és o verdadeiro Rei dos homens, tu que domina nossas vontades, pois és tu parte delas mesmas! Eu te imploro com toda a minha imundície, pois somente ela me resta para oferecer! Não me deixe ser esquecido!

O *Conselheiro* olhava aquele Homem com pena nos olhos. Ele sentiu seus sapatos sendo beijados, até mesmo lambidos, mas já era tarde. O portão atrás deles começou a ser esmurrado e golpeado, gritos de revolta foram ouvidos, se os cidadãos encontrassem o Rei, iriam tirar dele a esperança e a dignidade. O *Conselheiro* abaixou, levantando a face chorosa do Homem. Ele lhe beijou a testa como um pai abençoando o filho. Então olhou em seus olhos, ainda com pesar.

— Não te foi revelado em sonho? Não foi assim que tudo acabou? Já está tarde para isso, nenhuma Vontade vai te fazer combater o seu fim. Tu foste o carpinteiro de teu próprio caixão, e ainda és o coveiro da tua própria cova. Teu destino não é incomum, provavelmente os outros Reis que virão acabarão como tu, pois afinal poucos homens querem conhecer a face da própria sombra, e quem não se conhece, se corrompe e se extingue.

E ele então soltou a face do Rei. Levantando-se, deu-lhe as costas. O *Conselheiro* ainda olhou para trás por um instante, como se tivesse nojo do que via, mas seu ego se alimentava.

— Eu te abandono como homem, mas lembra-te de quando te fiz Rei, talvez isso conforte a tua morte, talvez tu sintas orgulho de ser o Homem que sorri diante da coroa, mesmo enquanto o Hades te devora. Eu vou esperar pelo próximo Monarca, pois afinal... — O *Conselheiro* suspirou, falando no tom de alguém que já viveu aquela cena muitas e muitas vezes — ... Sempre há um próximo Monarca.

Seus passos agora já não eram mais silenciosos. O *Conselheiro* parecia propositalmente ecoar o seu caminhar na mente do Homem para que ele se lembrasse até o fim do erro que cometeu. Sozinho, o Homem não conseguia reagir, mesmo quando o portão foi arrombado pelos cidadãos. Mesmo quando os homens lhe tiraram as vestes, chutaram, cortaram, violentaram e devoraram-no, ainda assim ele não reagia mais, pois já havia morrido em espírito.

As revoltas se instauraram, sendo a chamada “Grande Revolução”. Os Reis e Nobres morreram feito moscas, a guilhotina foi ainda mais utilizada agora. Homens se mataram como selvagens. Roubaram uns aos outros e tomaram para si as posses dos mortos. Nem mesmo a Igreja poderia parar a revolta, pois a pólvora queimou demasiadamente rápido. E ainda assim, eles se esqueceram.

Os homens não lembram de seu passado, eles não aprendem com os seus erros. Eles elegeram um novo Rei, mais um, como se não bastasse toda a imundície que já ocorreu, os tolos ainda escolhem aquilo que lhe causa sofrimento, afinal todo masoquista é o verdadeiro dono da sessão de tortura. “Dessa vez será diferente!”, eles disseram, mas o *Conselheiro* já havia presenciado esse recomeço antes, a nostalgia tinha seu gosto, mas o tédio já o corroía.

Por que seria diferente, você se pergunta? Os Homens escolheram eleger uma criança. Disseram que ela seria pura, que agiria para o bem do povo, pois afinal nenhum homem adulto quis tomar para si a responsabilidade e o peso da coroa. O garotinho era pequeno, mas seus olhos já revelavam a dor de um filho que teve que se fazer de pai, guerreiro, marido e Homem para sobreviver. Seu sangue era vermelho. Como no seu nascimento.

A coroação ocorreu após um momento de paz na revolução. Os Homens saudaram o novo soberano com júbilo; celebrava-se um novo começo. Assim que a coroa pousou sobre seus cabelos negros como a noite, ele observou de longe a figura estranha e misteriosa. O *Conselheiro* o observava. Mas a criança não temeu e nem se intimidou com a criatura, ela lhe devolveu o olhar com igual atenção, encarando o abismo, mesmo que esse abismo lhe encarasse de volta

Após as festas, os gritos e as bebidas, o Menino encontrou-se na sala do trono, sentado, mas com a Coroa em seu colo. Ele parecia gostar da solidão, pois meditava nela e escutava com atenção o seu entorno. E foi assim que ele ouviu passos silenciosos, sentindo a presença do *Conselheiro*. Ele colocou de volta a coroa.

— Não se esconda na minha sombra, deixe-me vê-lo. — Disse o Rei.

E de fato, o *Conselheiro* se apresentou, reverenciando o novo Monarca. Talvez um tanto quanto surpreso de ter sido notado, aquele garoto tinha pés no chão e bons ouvidos. Sentiu os olhos do Soberano sobre si, estudando-o com atenção. Ele era diferente dos outros? Sua semente não era fruto de uma árvore perversa, ele não conhecia o nojo, a soberba e nem o ego. Mas ao mesmo tempo, era uma existência tão certa de si, como um guerreiro implacável.

— Eu te reconheço, mas não posso dizer que sei muito sobre ti; portanto, diga-me, *Conselheiro*, quem é você?

E foi assim que o *Conselheiro* se viu obrigado a engolir as suas apostas, pois pela primeira vez em sua existência um Rei escolheu olhar para ele, escolheu conhecê-lo, não somente aceitá-lo ou rejeitá-lo. Somente naquele momento, ele já tinha a certeza de que pelo menos esse Rei iria se salvar. Sua reverência se foi, mas chegou um suave sorriso no rosto.

— Eu ofereço a ti os meus serviços, Monarca, e sei que somente pelo que tu falas, serás um bom Rei, tal como será um Grande Homem. Atuarei como um guia para a tua mente e um Conselheiro de paz e de prosperidade. Entretanto, pergunta-me quem sou, é sábio da tua parte perguntar isso...

O *Conselheiro* caminhou com calma, aproximando-se do Soberano. Ele não parecia ameaçador, o jovem sabia disso, pois o encarava com igual respeito e coragem. O *Conselheiro* preparou suas palavras, as que tanto aguardou falar.

— Eu sou a face oculta dos teus desejos. Serei eu a te guiar para aquilo que mais arde em teu âmago, àquilo que nem tu ousas reconhecer como teu. Eu sou o reflexo indesejado dos homens que se fazem Reis, nascendo no ouro e morrendo na lama. Eu sou a semente da criação de Impérios, e a foice que ceifa eles. Eu lhes dei a capacidade de alcançar o conhecimento do Universo, de dominá-lo e fazer dele a sua nova arma. Eu lhes levo à loucura, ao vício e à liberdade.

O Soberano o encarava, atônito, mas atencioso. Ele entendeu que estava lidando com algo indesejado, com a face mais feia, cruel e egoísta que todos os homens carregam dentro de si.

Caro leitor, talvez tu não tenhas entendido a essência da criatura, e talvez tu não sejas o único. O Monarca tampouco sabia dizer ao certo o que verdadeiramente ela era. E então, com calma e ternura, naquela mesma voz sedutora, a Entidade disse:

— Quem sou eu? Eu sou a Vontade Humana, a chama que Prometeu roubou do Olimpo. Eu sou belo, e igualmente violento. Sou o que dá sentido à sua existência. Sou tua maior arma, a capacidade de combater deuses e lhes trazer o crepúsculo. Sou o Diabo, que oferece poder e as riquezas dessa terra. Sou Deus, que oferece o poder de criar e de ser inesquecível. Eu pertenço a vocês humanos. Eu sou a emoção do corpo. Eu sou a racionalidade da mente. Mas acima de tudo isso... – e então o *Conselheiro* olhou no fundo dos olhos da criança, saindo de sua sombra – Eu sou você.